

## Coleção de linhas numa tela de fundo azul

RODRIGO CARDOSO SOARES DE ARAUJO\*

Lisonjeado pelo convite da comissão editorial da Revista *Ars Histórica* para escrever este breve memorial em sua edição comemorativa de 30 anos do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), encontrei-me ao mesmo tempo em um grave dilema. Permitam-me, antes de tudo, esclarecer a questão.

O professor José Murilo de Carvalho, que tive a honra de ter como orientador de iniciação científica, monografia e mestrado, em entrevista publicada no número 4 desta revista ressaltou a importância do professor Francisco Iglesias em sua formação: “não procurava fazer discípulos, preocupava-se em formar pensadores e pesquisadores”<sup>1</sup> De forma semelhante, José Murilo também sempre se empenhou para formar não discípulos, ou pior, bajuladores. Neste mesmo sentido, professores como Carlos Ziller Camenietzki e Maria Aparecida Rezende Mota, com os quais tive o prazer de ser aluno, rechaçavam os jovens adutores. Assim, não seria condizente com minha formação no extinto Departamento de História da UFRJ e no PPGHIS seguir pelo fácil caminho dos elogios desmedidos.

Tampouco conseguiria prender por muito mais tempo a atenção do leitor se o objetivo aqui fosse tratar de minha trajetória individual no PPGHIS. Apenas os estudiosos de temas semelhantes, com o mesmo recorte cronológico ou espacial ou, é claro, os diversos amigos que tenho nesta instituição teriam interesse em ficar em frente ao computador lendo estas linhas compostas via *pixels*.

Certamente, conseguiria abranger um maior número de interessados ao tratar dos “bastidores” do Programa. Desde a graduação estive envolvido em diversas atividades extracurriculares que, acredito, permitiriam uma boa explanação sobre os meandros políticos e acadêmicos que permeiam uma instituição desta natureza. Sem dúvida, poderia gastar algumas páginas explorando as experiências que acumulei enquanto aluno da UFRJ.

Apenas para atestar: durante a graduação, fui um dos fundadores do *Caderno Universitário de História* e fiz parte da comissão editorial durante seus 10 primeiros números; fiz parte da

---

\*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ).

<sup>1</sup> Ver: <http://www.historia.ufrj.br/~ars/index.php/component/content/article/2-uncategorised/23-entrevista-cocendida-por-jose-murilo-de-carvalho-aos-membros-do-comite-editorial-weder-ferreira-e-suellen-mayara-de-oliveira>.

comissão organizadora do I e do II *Encontro de Pesquisa de Graduação em História da UFRJ*, nos anos de 2005 e 2006; fui um dos integrantes da chapa *Pela História* que venceu as eleições do Centro Acadêmico Manoel Maurício de Albuquerque (CAMMA), em 2005. No mestrado fui eleito representante discente, cargo que ocupei durante os anos de 2007 e 2008, e fiz parte da comissão organizadora da *III Jornada de Estudos Históricos do PPGHIS*<sup>2</sup> realizada em 2007 e do evento *Diálogos & Aproximações: Seminário de Pesquisa em Pós-Graduação em História da UFRJ*, realizado em 2008. Por fim, fiz parte das primeiras reuniões com outros colegas que começaram a discutir a fundação desta revista que, quando já havia defendido minha dissertação e, portanto, já estava desvinculado da UFRJ, veio a lume sob o belo título de *Revista Ars Histórica*<sup>3</sup>. Como pode deduzir o leitor, teria sim, intrigantes e polêmicas histórias de bastidores para tratar, no entanto, seria impossível seguir por este caminho sem quebra de decoro perante professores e colegas.

Desta forma, estas páginas serão dedicadas a tratar não dos bastidores, mas de parte do prosaetino de atuação de professores e alunos em seu engajamento na realização de atividades acadêmicas. Pretendo, assim, tratar do produtivismo que é imposto pelos órgãos de fomento à pós-graduação. Procurarei deter-me ao máximo às reflexões relacionadas com a minha vivência durante o curso de mestrado no PPGHIS, ainda que, fazendo uma projeção desta análise para o âmbito geral da organização de eventos e editoração de revistas acadêmicas.

A tensão quantidade *versus* qualidade rapidamente é imposta aos iniciados na vida acadêmica. Diga-se de passagem, esta não é uma questão que provoca acalorados debates apenas no Brasil. Em universidades estadunidenses e, principalmente, europeias este debate vem ganhando destaque nos últimos anos<sup>4</sup>. Em nosso país, a produção de artigos e a participação em eventos, independente de seu aspecto qualitativo, tornaram-se pré-requisito fundamental na obtenção de bolsas, financiamentos, ou mesmo pontos em provas de título. Assim, o jovem pesquisador que ingressa na pós-graduação vê-se prontamente impelido a colecionar linhas no Currículo Lattes. A atual e notória realidade da pós-graduação é que todos vivem “com a faca no pescoço” na exigência de livros, artigos, palestras, participação em eventos etc.

Impressiona para o desavisado que ingressa neste meio o poder que os órgãos de fomento exercem sobre os programas. Não somente aspirantes à projeção universitária sofrem com estas pressões, mas também, na outra extremidade do universo acadêmico, os professores

---

<sup>2</sup> Rebatizado com o nome de *Jornada de Estudos Históricos Professor Manoel Salgado*, uma justa homenagem ao saudoso professor.

<sup>3</sup> <http://revistadiscentepppghis.wordpress.com/sobre/>

<sup>4</sup> <http://www.slow-science.org/slow-science-manifesto.pdf>

universitários vivenciam situação semelhante. Para além de suas atribuições docentes, paira nas reuniões de colegiado dos programas de pós-graduação o temor de não se atingir metas que permitam uma boa avaliação do Programa diante dos órgãos de fomento, especialmente da CAPES, sob o risco de retaliações orçamentárias.

Diante da política produtivista que vigora nos órgãos de fomento brasileiros a ampulheta, instrumento tantas vezes utilizada para representar imageticamente a disciplina História, parece estar preenchida de grãos cada vez mais finos que caem aos borbotões pelo estreitamento que leva à sua metade inferior. A ligeireza destes grãos em seguir o destino imposto pela gravidade tem, entretanto, um preço elevado.

Seu custo em eventos acadêmicos pode ser reconhecido em debates que não debatem absolutamente nada, em que os supostos debatedores têm plena concordância das ideias que são colocadas à mesa; apresentação de comunicações com público diminuto, quando não se chega ao esdrúxulo caso em que não há público além dos demais comunicadores e o coordenador da mesa; comunicações preparadas às pressas, muitas das vezes, quase idênticas a apresentações anteriores, cambiando apenas seu título.

Assusta-me o tom ufanista com que são proferidas as falas de abertura de eventos acadêmicos nas quais, em praxe, é exaltada a enorme quantidade de inscritos para apresentação de trabalho! O produtivismo é imposto não apenas a professores e pós-graduandos, mas também aos jovens que dão os primeiros passos no mundo acadêmico através da Iniciação Científica. Estes últimos costumam ser impelidos a apresentarem os famigerados painéis, que poucos veem e, em geral, quando o fazem é apenas de soslaio ao passar para a sala onde acontecerá a “sua mesa”.

O leitor deve estar familiarizado com o ciclo básico do produtivismo acadêmico na modalidade “participação de eventos”. 1. Escrever e enviar um resumo de sua comunicação. 2. Pagar a taxa de inscrição, geralmente, com valor abusivo. 3. Receber a carta de aceite para a apresentação. 4. Apresentar o trabalho em quinze minutos para público, provavelmente, diminuto. 5. Receber o certificado de participação do evento. 6. Preencher mais uma linha no Currículo Lattes. A atual lógica que prevalece na política educacional do país, no que se refere à pós-graduação, vem colocando este último ponto como o cume a que se deve direcionar o trabalho intelectual em nosso país.

Uma recorrente justificativa para indagações sobre este inócuo modelo de evento se esconde por detrás da armadura colonialista: na Europa os eventos também são realizados neste mesmo modelo. De fato, alguns colegas que estiveram em meados do ano passado em um dos mais prestigiados eventos internacionais dedicados aos estudos sobre nosso

continente, o 54<sup>o</sup> *International Congress of Americanists (ICA)* realizado em Viena, atestaram o mesmo padrão de evento: quinze minutos, público diminuto, recebimento de certificado, mais uma linha no Currículo Lattes.

Dois eventos realizados durante meu curso de mestrado no PPGHIS fornecem elementos para aprofundar esta reflexão a partir de observações *in loco*, pois, como dito anteriormente, tive o prazer de fazer parte da comissão organizadora do evento intitulado *Diálogos & Aproximações: Seminário de Pesquisa em Pós-Graduação em História da UFRJ*<sup>5</sup>, assim como da *III Jornada de Estudos Históricos do PPGHIS*<sup>6</sup>.

Na realização do seminário *Diálogos & Aproximações* o objetivo dos alunos do PPGHIS e do PPGHC era, como indica o título do evento, estreitar os laços das pesquisas em andamento não apenas nos dois programas da UFRJ, mas também com outros programas do país. Infelizmente, a iniciativa não teve prosseguimento após as defesas de mestrado e doutorado de seus organizadores. O evento, à época, nos pareceu um sucesso, contou com algo em torno de duzentas comunicações inscritas por pesquisadores de todas as regiões do país. Do ponto de vista político o *D&A* foi muito bem sucedido, ainda que, do ponto de vista acadêmico sua contribuição poderia ter sido mais contundente. Conseguimos o mesmo que a maioria dos outros eventos desta natureza tem alcançado. Não tivemos um respaldo do público, até mesmo entre os próprios professores da Universidade poucos se dispuseram a prestigiar o evento.

Por sua natureza distinta, o outro evento que participei da organização, a *III Jornada de Estudos Históricos do PPGHIS*, traz elementos importantes para esta reflexão. O objetivo deste evento em termos quantitativos é modesto, pois se trata de uma jornada interna com inscrições exclusivamente de seus alunos. A partir da organização dos trabalhos em mesas de acordo com temas afins, são convidados pesquisadores de fora da instituição para analisar e comentar os trabalhos apresentados. Antes da realização da mesa, o comentador é incumbido de ler os textos impressos que serão apresentados. O saldo deste evento é extremamente positivo para seus participantes, segundo diversos relatos, uma vez que eles voltam para suas casas não apenas com mais um certificado para sua coleção, mas com a cabeça repleta de questões suscitadas pela análise feita pelo pesquisador responsável por comentar os trabalhos.

---

<sup>5</sup> Comissão organizadora. Alunos do PPGHIS: André de Lemos Freixo, Cláudio Beserra de Vasconcelos, Daniel Pimenta Oliveira de Carvalho, Felipe Esteves Lima Maciel, Ivan Norberto dos Santos, Rodrigo Cardoso Soares de Araujo. Alunos do PPGHC: Alexandre Santos de Moraes, Kimon Speciale Barata Ferreira, Leandro Duarte Montano, Priscila Gonzalez Falci, Paulo Duarte Silva, Joanna de Vasconcelos Cordeiro.

<sup>6</sup> Comissão organizadora: Maria Aparecida Rezende Mota (Professora-coordenadora), André de Lemos Freixo, Cláudio Beserra de Vasconcelos, Cristina Monteiro de Andrada Luna, Daniel Pimenta Oliveira de Carvalho, Felipe Esteves Lima Maciel, Ivan Norberto dos Santos, Marcelo Santos de Abreu, Rachel Motta Cardoso, Rachel Saint Williams, Rodrigo Cardoso Soares de Araujo.

Ambas as experiências fornecem elementos para se pensar na efetiva contribuição da participação em eventos acadêmicos na elaboração das pesquisas em curso. O seminário *Diálogos & Aproximações* teve sua importância na aproximação de pesquisas e pesquisadores que, muitas vezes, a despeito da atuação profissional no mesmo prédio incrustado no centro da cidade, encontravam-se distantes pelas fronteiras institucionais. Ademais, foi possível travar contato com pesquisadores de diversas partes do país, com uma infinidade de objetos de pesquisas em variadas áreas da História.

Não tenho aqui a pretensão de propor um novo modelo de evento que venha a suplantar o tradicional. Em verdade, ele tem o seu valor. Faz-se necessário reconhecer a importância de travar conhecimento com outros pesquisadores pessoalmente, assistir a boas conferências com historiadores renomados, estar presente aos lançamentos de livros, frequentar as sessões de um Simpósio Temático e assim por diante.

A experiência na Jornada interna dos alunos do PPGHIS, todavia, aponta para a possibilidade de se pensar em eventos que sejam mais relevantes para a pesquisa e a formação de seus participantes. O fato é que o formato da Jornada tem como objetivo satisfazer os participantes e não a um esperado público que, como dito anteriormente, geralmente, não aparece. Mesmo quando constam na programação conferências com nomes de ponta da historiografia brasileira ou internacional, os organizadores são tomados por grande apreensão e temor de se passar pelo constrangimento de receber os conferencistas diante de uma sala vazia.

Assim, acredito que se deva pensar em eventos acadêmicos que busquem acrescentar uma contribuição concreta a seus participantes e não sejam pautados por padrões que não apresentam qualquer inovação e se contentam em fazer o mesmo, sem a preocupação de um efetivo retorno às horas despendidas por todos na elaboração de suas comunicações. A dificuldade em se conseguir isso é proporcional ao tamanho do evento e a quantidade de trabalhos a serem apresentados. Não afirmo ser impossível realizar eventos de qualidade com centenas de participantes, entretanto, as dificuldades de se fazer isto com qualidade são enormes.

Além dos eventos acadêmicos, outro ponto importante a ser questionado é a profusão de revistas acadêmicas existentes em diversas áreas, aqui em particular, nas Ciências Humanas. Como exemplo, vale citar a plataforma SciELO que apresenta um contínuo crescimento anual no número de artigos publicados em revistas indexadas. Enquanto no ano de 2000 foram publicados 634 artigos, em 2011, este número já alcançava a marca de 2323

artigos<sup>7</sup>. Na fragmentação de pesquisas de mestrado e doutorado em artigos, ou na profusão de artigos e resenhas escritas às pressas, o historiador contemporâneo se vê na função de ler uma multiplicidade de artigos que, muitas das vezes, em nada contribuem ou são repletos de equívocos decorrentes da ânsia em se adequar, a qualquer, custo às exigências dos órgãos de fomento.

Falta arrojo para tentar fazer diferente também neste quesito; o número de artigos e resenhas publicados semestralmente se contam às centenas sem, contudo, seguir um caminho propositivo de debates e questões relevantes para as diferentes especialidades. Os cânones permanecem incontestes, não é requisitada a originalidade, apenas o básico para se garantir a publicação. Caso o historiador tenha a audácia de propor o novo, um debate agudo, uma crítica direcionada a um “medalhão” ou a uma corrente historiográfica hegemônica, corre sério risco de não receber a esperada carta de aceite para publicação.

O próprio espaço cedido por esta revista em que escrevo para que se faça uma edição comemorativa onde prevaleça uma análise reflexiva e não seja restrita a louros e pétalas de rosas é um significativo indício de que se pode sim, almejar mais destes espaços acadêmicos. Em verdade, a política editorial da atual comissão à frente da Revista *Ars Histórica* chamou atenção em seu último editorial para esta questão e, felizmente, apontou para a intenção de contribuir com a produção acadêmica por um viés original. Nas palavras da atual comissão editorial:

Acreditamos que, enquanto estudantes de pós-graduação ou recém-doutores, nos é lícito arriscar mais, e de modo declaradamente otimista, podemos mesmo dizer que nossos equívocos ainda são consideravelmente pouco repreensíveis. Em suma, enquanto estudantes, podemos e devemos arriscar ser criativos<sup>8</sup>.

É necessário se debater com seriedade a lógica produtivista que prevalece sobre os órgãos de fomento que têm transformado os programas de pós-graduação em capatazes do modelo capitalista que endossa a atual política educacional do país. Não seria possível, entretanto, propor a fundo tal questão sem fugir do tema proposto por esta edição comemorativa. Pretendi apenas ressaltar, a partir de minha experiência como mestrando do PPGHIS, como podemos colher na própria tradição deste programa elementos para se pensar em aprimorar a qualidade da produção acadêmica pelo incremento das atividades acadêmicas extraclasse. Acredito que a academia e a sociedade não podem esperar menos de uma instituição no patamar do PPGHIS.

---

<sup>7</sup> Ver: <http://www.scielo.org/php/level.php?lang=pt&component=56&item=28>

<sup>8</sup> <http://www.historia.ufrj.br/~ars/>

Sobretudo entre os mais jovens, hoje em dia, é difícil ver alguém tirar uma fotografia com o mero objetivo de guardar uma lembrança daquele momento, mas sim, com a intenção premeditada de se publicizar a foto em alguma rede social. Algo semelhante se passa na academia. A finalidade de nossas vivências no campo pessoal ou profissional parece ser postar novos dados diante do tradicional tom azul que preenche o fundo das páginas das mais populares redes sociais e também da Plataforma Lattes. O importante muitas das vezes deixa de ser a real contribuição de um evento à sua formação/pesquisa, mas sim, a consagração da máxima que já tive o desprazer de ouvir não raras vezes: “o importante é colocar mais uma linha no Lattes.